



Comunicação que gera confiança

Como falar com participantes de pesquisa clínica

Kelly Rodrigues
CEO e Fundadora



Patient
Centricity
Company



Ponto de partida

O paradoxo da confiança

87%

aceitariam
participar

18%

confiam na
indústria

40%+

confiam nos
centros

**A boa
notícia**

A vontade de
participar
continua alta.

**O ponto
cego**

A confiança não
vem da marca do
estudo.

**A
oportunidade**

Ela nasce do
vínculo com o
centro.



O problema real **Assinar não é entender**

29%

dos brasileiros de 15
a 64 anos são
analfabetos
funcionais

10%

estão no nível
proficiente de leitura
e matemática

53%

de acerto médio
sobre a própria
pesquisa que
consentiram

Escrevemos o TCLE para o CEP, para o
patrocinador e para o auditor. Quase nunca
para quem vai assinar.

Fontes: Inaf 2024; Revista Bioética (146
participantes de pesquisa, Brasil).

O que a lei já pede

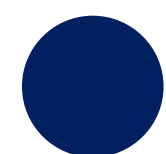
A Lei 14.874/2024 exige linguagem clara e
acessível a leigos - no consentimento (art. 18)
e na devolutiva de resultados (art. 54).

Lei 15.378/2026 - Estatuto dos Direitos do
Paciente: informação acessível,
consentimento sem coerção e tempo
suficiente para decidir (arts. 13, 14 e 18).



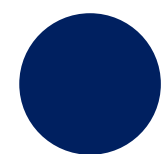
O modelo

Os 4 C da confiança



Confiança é previsibilidade

Ela confia quando consegue antecipar o que vem e confirma, visita após visita, que foi isso mesmo.



Confiança é reciprocidade

Ela entrega tempo, corpo e dado. Se nada volta, a relação deixa de ser parceria.

Clareza

Falar a língua de quem ouve.
Traduzir, não simplificar.

Coerência

O que foi prometido no convite acontece na visita.

Constância

Comunicação não é um evento. É um fio que não se corta.

Contrapartida

O que a pessoa entrega precisa voltar como resposta.



Quando falar

Momentos da verdade

Em cada momento existe uma pergunta que o participante não faz em voz alta. Respondê-la antes é o que constrói confiança.

A dúvida que não é dita vira desistência.

- 1 · Primeiro contato — Explique como a pessoa chegou até ali e o que é o estudo, em uma frase.
- 2 · Consentimento - Percorra a rotina real: visitas, tempo, o que dói, o que ela pode recusar.
- 3 · Durante o estudo - Explique cada mudança.
- 4 · Encerramento - Conte o que foi descoberto e o que acontece com o tratamento.

O silêncio também comunica.



Na prática

Traduzir é o trabalho

Não é “facilitar” a ciência. É escolher palavras que carregam o mesmo significado para quem não vive dentro do protocolo.

Randomização

“Um sorteio decide qual tratamento você recebe. Nem eu nem você escolhemos.”

Placebo

“Pode ser que você receba um comprimido sem medicamento. Você sabe disso desde já.”

Evento adverso

“Qualquer coisa diferente que você sentir. Mesmo que pareça bobagem, quero saber.”



Por onde começar

Teach-back

Peça que a pessoa conte, com as palavras dela, o que entendeu.

Resumo

Um documento curto que fica com ela, ao lado do TCLE.

Glossário mínimo

Combinem como explicar os dez termos que mais confundem.

COCRIAÇÃO



Como saber se funcionou

Confiança se mede



Compreensão, não assinatura

Registre quantos participantes conseguem explicar, com as palavras deles, objetivo, riscos e o direito de sair.



Permanência e presença

Acompanhe dropout por motivo, faltas e visitas remarcadas. Muito do que chamamos de adesão é comunicação.

Antes

ela explica o estudo?

Depois

ela voltaria a participar?

O que não se mede volta como falta.

Uma pergunta ao final do estudo:

“De 0 a 10, o quanto você sentiu que podia perguntar qualquer coisa à equipe?”



Ninguém adere a um protocolo.

As pessoas aderem a uma relação.

Kelly Rodrigues
kelly@patientcc.com





APONTE SEU CELULAR PARA ENVIAR
PERGUNTAS AO PALESTRANTE



18/09/2026